

\* Parques de Sintra  
– Monte da Lua, S.A.

\*\* Universidade do  
Algarve

# “Cerâmica simbólica” neolítica do Castelo dos Mouros

---

Alexandre Richardson Fernandes\*

Maria João de Sousa\*

António Faustino Carvalho\*\*

**Resumo** O projeto arqueológico desenvolvido no Castelo dos Mouros – Sintra, de 2009 a 2013, da responsabilidade da arqueóloga Maria João de Sousa e da Parques de Sintra – Monte da Lua, S. A. pôs a descoberto numerosos fragmentos de produções cerâmicas do Neolítico Antigo do atual território português, sendo um dos achados mais relevantes um vaso inteiro e diversos fragmentos de cerâmica simbólica, raros na Pré-História do nosso país.

**Abstract** The archaeological project undertaken at the Moorish Castle – Sintra, from 2009 to 2013, under the direction of the archaeologist Maria João de Sousa and Parques de Sintra – Monte da Lua, S. A. served to discover numerous fragments of ceramic productions datable to the Early Neolithic period, being an entire vessel and several sherds of symbolic pottery some of the most significant finds, which are rare in the Prehistory of Portugal.

## Introdução

A ocupação das vertentes do Castelo dos Mouros por comunidades neolíticas é pela primeira vez registada por V. Correia (1972, p. 73), que faz referência a um conjunto de testemunhos datáveis daquela época “[...] em Cintra (São Pedro, costas do Castelo e Penha Verde) [...]”. Posteriormente, com os trabalhos realizados pelos serviços culturais da Câmara Municipal de Sintra, em 1981, e por Teresa Simões, em dois períodos distintos (1993–1995 e 1998–2000), foi possível documentar esta ocupação de forma adequada e divulgá-la (Simões, 1999, pp 32–36, 2003, pp. 122–128).

Os trabalhos arqueológicos que têm vindo a ser desenvolvidos desde 2009 pela Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., particularmente na vertente este do Castelo dos Mouros — que corresponde à localização da necrópole medieval cristã (séculos XII–XIV) — e na área das Antigas Cavalariças, permitiram a identificação de outros níveis com numerosos materiais de pedra lascada e cerâmica atribuíveis ao Neolítico. Estes artefactos deverão ser provenientes de contextos arqueológicos originalmente existentes no local a cotas mais elevadas, os quais, devido às sucessivas ocupações e alterações de topografia que se documentaram nestas escavações (desde logo devido à construção do próprio castelo), terão sido destruídos e os respetivos sedimentos remobilizados em toda a extensão da vertente. Apesar das referidas afetações, o conjunto exumado em escavação revelou-se muito interessante no contexto das produções cerâmicas do Neolítico Antigo do atual território português, pois foi possível identificar um vaso inteiro e diversos fragmentos de cerâmica simbólica, raros na Pré-História do nosso país. Estes achados são objeto de análise nos apartados seguintes.

## Cerâmica simbólica

Os achados a que nos reportamos proveem de escavações arqueológicas realizadas no interior e exterior do Castelo dos Mouros, designadamente dos contextos em posição secundária referidos acima. No conjunto do numeroso espólio cerâmico que tem vindo a ser estudado, foi possível isolar 13 fragmentos, quase todos com asas bífidas, cuja análise revelou terem feito parte de recipientes com representações zoomórficas.

1. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega bífida de perfuração horizontal ao nível do lábio. Decoração incisa com estilete formando pelo menos três bandas horizontais com o motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

2. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega bífida de perfuração horizontal abaixo do lábio. Decoração impressa com punção formando pelo menos três bandas horizontais com o motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

3. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega bífida de perfuração horizontal ao nível do bordo. Decoração impressa formando duas bandas horizontais com o motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

4. Fragmento de bordo reto com lábio plano e ligeiro espessamento externo e pega bífida elevada em relação ao lábio, com perfuração horizontal. Decoração constituída por pequenas impressões ao longo da superfície plana do bordo e da zona imediatamente abaixo deste, constituindo uma banda.

5. Fragmento de bordo ligeiramente introvertido com lábio biselado e pega bífida maciça ao nível do lábio. Decoração constituída por três bandas de impressões formando o motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

6. Fragmento de bordo ligeiramente introvertido com lábio biselado e pega bífida maciça ao nível do lábio. Decoração constituída por pelo menos duas bandas de impressões em motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

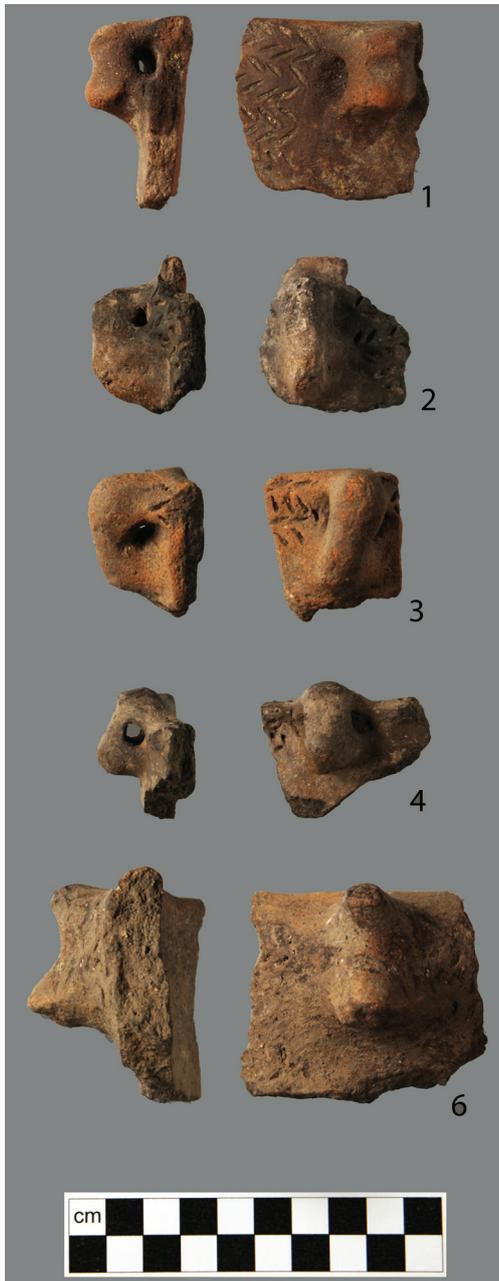
7. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega bífida maciça ao nível do lábio. Decoração impressa com punção formando uma banda de motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

8. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega bífida abaixo do nível do lábio. Decoração em banda vertical composta por grupos de duas impressões com punção, partindo do bordo.

9. Fragmento de bordo reto com lábio biselado e pega em forma de “coroa”, com início acima da linha do lábio. Decoração impressa com punção organizada por pelo menos seis bandas horizontais abaixo do bordo.

10. Fragmento de parede com pega em forma de “coroa”. Não apresenta decoração impressa ou incisa.

Fig. 1 – Pegas bífidas de lóbulos de igual tamanho e espessura, separados por uma pequena depressão central.



11. Fragmento de bordo reto com lábio bise-lado e pega bífida de pontas espessadas em botão, perfurada horizontalmente, com início abaixo do bordo. Decoração em banda hori-zontal composta por motivo de espiga (“falsa folha de acácia”), abaixo do bordo.

12. Fragmento de pega bífida de pontas espes-sadas em botão, perfurada horizontalmente.

13. Fragmento de parede com decoração em bandas, horizontais e verticais construídas com linhas incisas e preenchidas com incisões oblíquas.

14. Fragmento de parede com decoração em

banda delimitada por incisões, com impres-sões de matriz pontiaguda (já tornada pública: Sousa & Carvalho, 2015).

Devido ao seu perfil polilobado, os elementos de prensão apresentados integram-se num tipo formal vulgarmente descrito como “asas bífidas” ou, de modo muito mais expressivo, como “[...] a estilização da silhueta da cabeça de um suídeo”, segundo as palavras de O. da V. Ferreira (1970, p. 230). Estas asas surgem quase sempre junto ao bordo e fazem-se muitas vezes acompanhar de decoração nas paredes dos vasos. A mais vulgar é a banda incisa ou impressa disposta sob o bordo.

Os vasos primeiramente identificados e descritos com estas asas haviam sido encontrados nas grutas de Senhora da Luz I (Rio Maior) e do Fumo (Sesimbra). No primeiro caso, trata-se de um recipiente de morfologia cónica com um par de asas bífidas acompanhadas por duas bandas em “falsa folha de acácia” e mamilos achatados a meio do bojo (Ferreira, 1970; Cardoso & *alii*, 1996). No segundo, trata-se de um conjunto de dois vasos em forma de “saco” evidenciando a mesma técnica decorativa, a qual se estende à quase totalidade da superfície das peças (Serrão, 1959).

Logo após a escavação da Lapa do Fumo se havia percebido, com base nas observações estratigráficas obtidas nesta gruta, que estas produções cerâmicas datariam claramente do Neolítico (Serrão & Marques, 1971), proposta que Simões (1999), baseada nos achados de S. Pedro de Canaferrim, viria depois a especificar como datando do Neolítico Antigo Evolucionado — isto é, *grosso modo*, o V milénio a.C. — da Baixa Estremadura. Uma corroboração adicional desta conclusão foi adquirida muito recentemente através da escavação do sítio do Carrascal (Oeiras), o qual está solidamente datado pelo radiocarbono de finais do milénio anterior e onde, sintomaticamente, não se registou qual-quer exemplar de asa bífida (Cardoso & *alii*, 2008).

No conjunto que descrevemos acima, estão representadas as principais variações morfológi-cas de pega bífida detetadas durante as esca-vações. O mais representado é aquele em que os lóbulos, de igual tamanho e espessura, são separados por uma pequena depressão cen-tral (n.ºs 1, 2, 3, 4 e 6) (Fig. 1). O segundo tipo caracteriza-se pelos topos achatados e espessa-

dos (n.ºs 11 e 12) (Fig. 2), e o terceiro pela diferenciação entre o lóbulo superior (mais pequeno) e o lóbulo inferior, mais largo e destacado (n.ºs 5, 7 e 8) (Fig. 3). As pegas em coroa, presentes em dois fragmentos (n.ºs 9 e 10) formam o último subtipo, com a pega a ser coroada por 4 ou 5 pequenos lóbulos, cuja perceção lateral funciona de forma semelhante às pegas bífidas tradicionais, assemelhando-se a uma cabeça animal (Fig. 4).

A presença destes elementos de preensão de forma bífida ao longo do bordo dos vasos, para além do seu cariz meramente prático, terá também implícita, ao que cremos, uma realidade simbólica subjacente. A atribuição do termo “cabeça de suídeo” a alguns exemplares é muito significativa quanto à morfologia dos mesmos e pode dizer-se que a analogia observada ultrapassará a mera constatação comparativa, pois podemos mesmo estar perante a inserção da cabeça de um suíno — ou, nalguns casos, talvez mesmo de um boi — como parte do texto comunicativo do vaso a que pertencia. Esta possibilidade fundamenta-se também na verificação de que um dos fragmentos (n.º 13) acima descritos ostenta uma representação possivelmente zoomórfica, de partes anatómicas que corresponderiam a membros inferiores ou superiores de um animal cuja identificação concreta não é possível realizar apenas a partir deste achado. Contribui para esta interpretação o facto de as incisões que representariam os dedos estarem todas viradas para o mesmo lado, ao contrário daquilo que se verifica na “figura orante” do Castelo (n.º 14), onde a representação se assemelha mais a uma mão humana aberta (Fig. 5). Até à descoberta das peças do Castelo dos Mouros, no Neolítico Antigo do atual território português conheciam-se apenas as figurações antropomórficas esquemáticas, identificadas por Diniz (2009) como sendo “orantes”, na cerâmica cardial das grutas do Almonda (Torres Novas) (Zilhão & Carvalho, 2011) e de Eira Pedrinha (Condeixa) (Correia & Teixeira, 1949; Vilaça, 1988), com dois exemplares cada, e o fragmento isolado do sítio da Valada do Mato (Évora), publicado pela autora acima referida. Os achados de Sintra vêm portanto aumentar o número de ocorrências de cerâmica simbólica neolítica e, pela primeira vez, revelar também a existência de peças com motivos zoomórficos nesta época. No conjunto que aqui apresentamos não parece haver uma relação direta



Fig. 2 – Pegas bífidas de topos achatados e espessados.

Fig. 3 – Pegas bífidas de lóbulos (superior mais pequeno e inferior largo e destacado).

entre as pegas de forma bífida e outros motivos não plásticos que se pudessem a elas associar, formando representações tridimensionais. No entanto, a coroplastia na representação animal é conhecida para o Neolítico, como é o caso da conhecida pega da gruta valenciana de Cova de l'Or, que foi modelada de modo a assemelhar-se a uma ave (Martí & Hernández, 1988). Neste caso concreto dos achados do Castelo dos Mouros, não deixa de ser reveladora a combinação destes temas animalistas com os motivos em espiga ou “falsa folha-de-acácia”, como é o caso de alguns dos exemplares descritos acima

Fig. 4 – Pegas em coroa.



Fig. 5 – Representação zoomórfica e antropomórfica.



(n.ºs 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9 e 11). Esta associação parece fazer parte integrante de um forte discurso simbólico de afirmação dos modos de vida neolíticos, associando temas animalistas e vegetalistas que poderemos, pelo menos provisoriamente, considerar domésticos. Nesta perspetiva, estas cerâmicas simbólicas podem ser um reflexo de uma nova realidade emergente, económica e ideológica.

### O vaso inteiro

Durante a escavação da necrópole medieval do Castelo dos Mouros — nomeadamente aquando da definição dos limites das sepulturas identificadas —, viria a ser descoberto um vaso cerâmico enterrado no areão grosseiro resultante da alteração do substrato granítico. O vaso encontrava-se depositado junto ao limite exterior da designada Sepultura 8 (Fig. 6).

Como se pode observar na Fig. 7, trata-se de um recipiente em “saco”, de bordo redondo, com 22,6 cm de altura, 20,2 cm de diâmetro máximo

no bojo e 14,6 cm de diâmetro na abertura; as paredes apresentam uma espessura que oscila entre 0,8 e 1,3 cm. A pasta, compacta, apresenta abundantes elementos não plásticos, sobretudo minerais máficos, feldspatos e quartzos, de granulometria fina e média. A superfície externa é bem alisada, aparentando mesmo algum tipo de polimento, e a superfície interna, junto ao bordo, encontra-se espatulada, sendo mais rugosa a restante área interior. A cozedura é redutora com arrefecimento oxidante, o que lhe confere uma coloração entre as tonalidades alaranjadas e acastanhadas. Junto ao bordo existem duas asas “bífidas” e dois mamilos troncocónicos. O corpo do vaso não apresenta qualquer decoração.

A morfologia geral do corpo desta peça, assim como a tipologia dos elementos de preensão que ostenta, encontram paralelos em peças provenientes das escavações das décadas de 1980–1990 em S. Pedro de Canaferrim, as quais foram atribuídas a uma fase evoluída do Neolítico Antigo (Simões, 1999, 2003). O vaso do Castelo dos Mouros, assim como o restante material atribuível a este período que foi possível recolher na escavação da necrópole medieval, deverá estar relacionado com o registo obtido junto à igreja de S. Pedro de Canaferrim. Tal como bem assinalado por Simões (1999), e referido atrás a propósito da cerâmica com elementos zoomórficos, o conjunto específico de atributos que o vaso apresenta — o corpo em “saco” e, principalmente, as asas bífidas — é recorrente nas produções cerâmicas do V milénio a.C. na Estremadura, devendo-se concluir portanto ser esta também a cronologia da peça em estudo. A inexistência de decoração, nomeadamente a designada “falsa folha de acácia” que usualmente acompanha estas produções, não inviabiliza esta conclusão.

### Conclusões:

#### integração e interpretação dos achados

Apesar de não se tratar de achados *in situ*, os materiais cerâmicos objeto de análise no presente capítulo são, como se viu, passíveis de integração nas respetivas produções do Neolítico Antigo do atual território português, em particular da região estremenha.

O achado do vaso inteiro foi já tornado público (Sousa & Carvalho, 2015), pelo que as consi-



Fig. 6 – Vaso neolítico *in situ*.

derações finais ora apresentadas se baseiam na referida publicação. A primeira conclusão é que, tendo o vaso sido achado numa área com abundantes vestígios neolíticos, a sua integração na categoria dos achados isolados — de que se conhecem atualmente nove em território português (Carvalho, 2011) — não é líquida. O facto de ter sido deliberadamente enterrado, o que proporcionou a sua preservação, permite no entanto duas interpretações mutuamente exclusivas:

1. Ou se integra efetivamente naquela categoria, não se revestindo no entanto do mesmo significado ritual/simbólico que, por exemplo, Simões (1999) ou Diniz (2009) lhes atribuem como sendo o remanescente arqueológico de deposições intencionais conectadas com cursos de água (que, de facto, se documentam na generalidade dos casos registados até ao momento, e não é muito evidente neste local).
2. Ou a função a que se destinava em ambiente residencial implicaria o seu enterramento, eventualmente até ao colo, o que explicaria também a ausência de decoração. Apesar de apresentar dimensões relativamente reduzidas, podemos estar perante um vaso com funções de armazenamento integrado num contexto entretanto destruído. A ausência de casos similares bem documentados no atual território português, para a cronologia considerada, impede todavia que se avance mais funda-

mentadamente no sentido desta hipótese. Os sedimentos contidos no interior foram escavados em laboratório, tendo-se isolado quatro amostras em que a amostra CM3(10)1 corresponde à UE compreendida entre os 0 e 8 cm e a CM3(10)4 corresponde ao sedimento muito compacto que se encontrava colado ao fundo do vaso.

Seguidamente procedeu-se à sua análise granulométrica<sup>2</sup> em comparação com uma amostra da UE[83] que corresponde aos sedimentos que o envolviam, não se tendo identificado qualquer resto de matéria orgânica.

Do quarteamento, lavagem, secagem e crivagem das amostras verificou-se que o enchimento do vaso era muito semelhante à amostra da zona envolvente (CM3(10)5), o que é possível observar pelo gráfico (Fig. 8).

O pleno entendimento e valorização do significado dos vasos com decoração simbólica, por seu lado, estão dependentes de investigação ainda por realizar e que não cabe desenvolver no âmbito do presente texto. Desde logo, será necessário um estudo tipológico detalhado dos recipientes cerâmicos com asas bífidas da região estremenha que tenha por objetivo principal, entre outros, definir criteriosamente as variantes existentes na morfologia destas asas (tentando definir, tanto quanto possível, os casos de representações de cabeças de suínos e de bovinos, ou outras espécies animais). Será deste modo possível verificar

<sup>2</sup> Estudo efetuado pela Professora Isabel Moitinho de Almeida, do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.



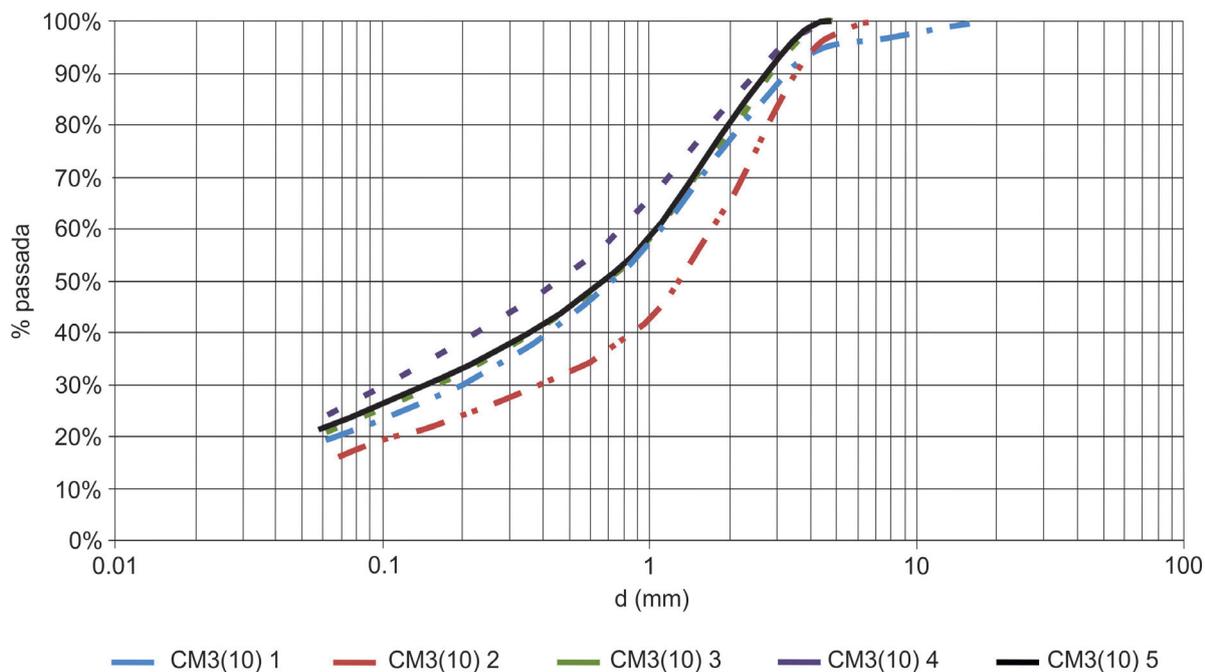
Fig. 7 – Vaso neolítico do Castelo dos Mouros. Pormenores do espatulamento interior e de uma das asas bífidas.

se as peças do Castelo dos Mouros se constituem como caso único — possibilidade que será interessante explorar em caso afirmativo, sobretudo sabendo-se da originalidade de outras produções cerâmicas pré-históricas encontradas na Serra de Sintra e as mitologias associadas a esta serra — ou se existem outras ocorrências por (re)descobrir noutros sítios neolíticos da Estremadura. Por exemplo, um dos sítios que se destaca pela abundância de asas bífidas, e que importaria reavaliar, é o Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). Conquanto um primeiro trabalho sobre as produções cerâmicas neolíticas deste abrigo não

trate explicitamente destas presenças (Gonçalves & *alii*, 1987), a reanálise posterior levada a cabo por Carreira (1994; ver também Carvalho, 2008, pp. 82–87) permitiu a identificação de diversos exemplares, parte dos quais associados a outros tipos decorativos tendo por tema dominante, uma vez mais, a banda obtida por “falsa folha-de-acácia” ou por espigas incisadas.

O significado destas peças só poderá ser percebido com um mínimo de fundamento se aquelas forem devidamente enquadradas no processo de expansão da economia neolítica e nas correspondentes manifestações no domínio do simbólico no Mediterrâneo ocidental (e, em particular, no caso da Estremadura), durante o VI e o V milénios a.C. Esta contextualização será tanto mais necessária quanto se verificar que a sua distribuição geográfica extravasa a Serra de Sintra. Para o efeito, será necessário igualmente uma análise comparativa com os (cada vez mais) numerosos achados de cerâmica simbólica no Neolítico Antigo de diversas regiões peninsulares (ver Bernabeu & *alii*, 2011, para um balanço atualizado) a par de uma caracterização integrada das práticas económicas deste período de modo a valorizar o par aparentemente representado nestas peças cerâmicas do Castelo dos Mouros: o animal e a planta domésticos.

Fig. 8 – Gráfico dos resultados da análise granulométrica.



## Créditos fotográficos

Manuel Lemos e Mathias Tissot – Archeofactu.

## Bibliografia citada

BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Miguel Ángel; MOLINA BALAGUER, Lluís, eds. (2011) – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. València: Universitat.

CARDOSO, João Luís (2010) – O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA BAO, Juan Francisco; CARVALHO, António Faustino, eds. – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 23–48.

CARDOSO, João Luís; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2008) – A ocupação do Neolítico Antigo do povoado do Carrascal (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, pp. 247–267.

CARVALHO, António Faustino (1998) – Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992–1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39–72.

CARVALHO, António Faustino (2011) – Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. In BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Miguel Ángel; MOLINA BALAGUER, Lluís, eds. – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. València: Universitat, pp. 237–250.

CORRÊA, António Mendes; TEIXEIRA, Carlos (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

DINIZ, Mariana (2009) – Ainda antes do 4.º milénio a.C.: as práticas simbólicas das comunidades neolíticas, no Ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 157–174.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1970) – Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em “falsa folha de acácia”. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 227–238.

GONÇALVES, Victor S.; GUILAINE, Jean; ARRUDA, Ana Margarida; BARBAZA, Michel; COULAROU, Jacques; GEDDES, David (1987) – Le Néolithique ancien de l'Abri de Bocas I (Rio Maior, Portugal). In GUILAINE, Jean; ROUDIL, Jean-Louis; VERNET, Jean-Louis, eds. – *Premières communautés paysannes en Méditerranée occidentale*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 673–680.

MARTÍ OLIVER, Bernat; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro Severo (1988) – *El Neolític valencià: art rupestre i cultura material*. València: Servei d'Investigació Prehistòrica.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; MARQUES, Gustavo (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, pp. 121–142.

SIMÕES, Teresa (1999) – O sítio neolítico de S. Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da neolitização da Península de Lisboa. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

SIMÕES, Teresa (2003) – A ocupação do Neolítico Antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva. In GONÇALVES, Victor S., ed. – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 115–134.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1959) – Investigações arqueológicas na região de Sesimbra: resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 17:3–4, pp. 187–203.

SOUSA, Maria João; CARVALHO, António Faustino (2015) – Campo de investigação arqueológica do Castelo dos Mouros, Sintra (Portugal): achado de um vaso neolítico inteiro em São Pedro de Canaferrim. In *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: Universidade, pp. 280–283.

VILAÇA, Raquel (1988) – *Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

ZILHÃO, João; CARVALHO, António Faustino (2011) – Galeria da Cisterna (Rede Cárstica da Nascente do Almondal). In BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Miguel Ángel; MOLINA BALAGUER, Lluís, eds. – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. València: Universitat, pp. 251–254.